CABO VERDE E BRASIL: UM AMOR PLENO E CORRESPONDIDO

Simone Caputo Gomes
(USP)

Resumo

A imagem do Brasil como espelho para a formação das literaturas africanas de língua portuguesa. O exemplo de Cabo Verde: o impacto do Modernismo brasileiro na geração da *Claridade*. Jorge Barbosa e Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes) e a caboverdianidade em diálogo com a brasilidade.

Palavras-chave: modernismo, caboverdianidade, brasilidade

Abstract

The image of Brazil as the mirror to the formation of African literatures of Portuguese language. The example of Cape Verde: the impact of Brazilian Modernism on the generation of *Claridade*. Jorge Barbosa and Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes) and Capeverdianity in dialogue with Brazilianity.

Keywords: modernism, capeverdianity, brazilianity

(...) capaz de sentir o Brasil, capaz de recitar de cor um poema de Manuel Bandeira, capaz de sambar com intenção ao som de uma marchinha de Luiz Gonzaga, ouvindo o bater ritmado dum tambor com acompanhamento de reco-reco.(...) . Sou capaz de entender tão bem uma noite de luar, uma noite de batuque, como Catulo da Paixão Cearense. Amo o Brasil. Um amor que não tem explicação. Aliás, em amor, nada se pode explicar.

Ernesto Lara Filho

(*Crónicas da roda gigante*. Lisboa: Afrontamento, 1990, pp. 61-2)

Tal como o angolano Ernesto Lara Filho, a grande dama da literatura moçambicana, Noémia de Sousa, já exaltava (em versos escritos em 1949) expoentes brasileiros como Jorge Amado, “amigo do povo, da justiça e da liberdade”, Castro Alves, o poeta dos escravos, Luís Carlos Prestes, o cavaleiro da esperança, e enfatizava a irmandade entre os povos africanos e a gente revoltada e sofredora do nordeste brasileiro, representada por Lampião e Lucas Arvoredo.

Cabo Verde cedo despertou para este amor dos africanos pelo Brasil e a geração da Revista *Claridade*, marco da modernidade crioula, dentre muitos méritos detém mais este: o de ter furado, com decisão e arte, o cerco salazarista que não permitia o acesso a textos brasileiros com posturas políticas definidas, como os de Jorge Amado e Graciliano Ramos, pilares da brasilidade.

Ao assumir a afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autônoma, os escritores claridosos — em processo de emergência da consciência cultural e nacional, como os irmãos africanos de Angola, Moçambique, São Tomé e Guiné Bissau — evidenciaram a sua determinação em refletir-se em (e por meio de) outros espelhos, mais próximos porque detentores de um itinerário histórico igualmente colonizado.

Jorge Barbosa dá relevo a essa escolha em seu antológico poema «Você, Brasil», dedicado a Ribeiro Couto:

Eu gosto de Você, Brasil,
porque Você é parecido com a minha terra.
Eu bem sei que Você é um mundão
e que a minha terra são
dez ilhas perdidas no Atlântico,
sem nenhuma importância no mapa. (...)

É o seu povo que se parece com o meu,
É o seu falar português
que se parece com o nosso,
ambos cheios de um sotaque vagaroso,
de sílabas pisadas na ponta da língua,
de alongamentos timbrados nos lábios
e de expressões terníssimas e desconcertantes.
É a alma de nossa gente humilde que reflete
a alma de sua gente simples,
ambas cristãs e supersticiosas,
sentindo ainda saudade antigas
dos serões africanos. (...)

As nossas mornas, as nossas polcas, os nossos cantares,
fazem lembrar as suas músicas (...)

Você, Brasil, é parecido com a minha terra,
as secas do Ceará são as nossas estiagens,
com a mesma intensidade de dramas e renúncias.
Mas há uma diferença no entanto: é que os seus retirantes
têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem
porque seria para se afogarem no mar. (...)

Nós também temos a nossa cachaça,
o grog de cana que é bebida rija. (...)
Temos também o nosso café da Ilha do Fogo

que é pena se pouco,
mas - Você não fica zangado -
é melhor do que o seu.

Eu gostava enfim de o conhecer mais de perto
e Você veria como sou um bom camarada.
Havia então de botar uma fala
ao poeta Manuel Bandeira,
de fazer uma consulta ao Dr. Jorge de Lima
para ver como é que a Poesia receitava este meu fígado tropical bastante
cansado.
Havia de falar como Você,
com um i no si
«si faz favor»,
de trocar sempre os pronomes para antes dos verbos
«mi dá um cigarro?»

Mas tudo isso são cousas impossíveis — Você sabe? — Impossíveis.

Em Cabo Verde, a geração da revista *Claridade* preferiu imaginar-se não mais à luz do modelo colonizador ou de uma literatura colonial apologética da figura do herói navegador, e escolheu mirar-se em outro paradigma cultural, forte, irmão, independente: o Brasil dos mulatos, malandros e heróis ignorados, “modelo de afirmação mestiça no qual a África busca(va) identidade” (RIBEIRO, 1992, p. 701). “Cabo Verde (S. Vicente) é um brasilin”, diz a letra de Pedro Rodrigues cantada por Cesária Évora. E hoje, conscientes da raiz africana e do papel da mestiçagem como riqueza em nossa cultura, percebemos cada vez mais que o Brasil é um “cabo-verdão”.

Ao apropriar-se da literatura brasileira como patrimônio simbólico, o colonizado africano, nos espaços de língua portuguesa, abria caminho para o seu protagonismo no campo da literatura e da cultura. Para compor “um poema diferente/para o povo das Ilhas:/um poema com seiva nascendo no coração da ORIGEM/um poema com batuque e tchabéta e badias de Santa Catarina/um poema com saracoteio d’ancas e gargalhadas de marfim” (Onésimo Silveira), ou para recuperar o som do “tambor perdido na escuridão da noite perdida” (Craveirinha), era preciso “inventar” a literatura nacional, “diferente”, “única”, “inconformista”, “revolucionária”, “sem macaquear a literatura lusíada”, deixando de lado “os moldes arcaicos” e as “suaves endeixas”. Era necessário expressar o grito da (nossa) terra, “gritos de há muitos anos/de escravos/de engenhos das roças” (poema “Exortação”, de Maurício Gomes, Angola).

Apesar das significativas diferenças que caracterizavam os territórios colonizados por Portugal, a representação do Brasil, como afirma Rita Chaves¹, compõe, no período posterior à Segunda Grande Guerra, um eixo do projeto de transformação pelo qual passavam aquelas sociedades, centrado na questão da identidade nacional que emergia. Precedendo outras formas de luta, o discurso literário possibilitava, nesse momento, a assunção de um sentimento nativista fundamentado na recuperação das raízes, na tentativa de estabelecer denominadores comuns que identificassem as culturas africanas de língua portuguesa.

A interlocução com a literatura brasileira foi uma estratégia criativa que permitiu forjar uma idéia de futuro com uma distância necessária dos valores metropolitanos.

A propósito deste diálogo, Carlos Ervedosa enfatiza:

Desenvolvia-se um fenómeno literário original, no âmbito das literaturas de expressão portuguesa, activado por um conjunto de jovens talentosos e cultos espalhados por Luanda e pelos centros universitários de Lisboa e Coimbra.

Eles sabiam muito bem o que fora o movimento modernista brasileiro de 1922. Até eles havia chegado, nítido, o “grito do Ipiranga” das artes e letras brasileiras, e a lição dos seus escritores mais representativos, em especial de Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Lins do Rego e Jorge Amado, foi bem assimilada.²

A poeta e historiadora Ana Paula Tavares acrescenta:

Manuel Bandeira é conhecido em Angola desde sempre, mesmo quando nós citávamos coisas do Manuel Bandeira e individualmente não éramos capazes de identificar como produção de Manuel Bandeira, poeta brasileiro, ligado ao movimento tal, entende? Mas conhecíamos, conhecíamos Drummond de Andrade. Uma ou outra coisa. Conhecíamos João Cabral de Mello Neto. E isto foi muito importante para nós.³

Em Cabo Verde, as reverberações do tema de Pasárgada, colhido da poesia de Manuel Bandeira, alçaram-no a matriz poética do arquipélago, tendo como seu principal cultor o poeta Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes), que o legou entusiasticamente a outros escritores.

Gabriel Mariano sintetiza a importância da literatura brasileira para a série literária cabo-verdiana e o papel tutelar de Baltasar Lopes na alimentação do diálogo criativo entre os poetas crioulos e tupiniquins:

¹ CHAVES, Rita. O Brasil na cena literária dos países africanos de língua portuguesa.

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/chaves.rtf>. Acessado em 28 de junho de 2007.

² ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. 3. ed. Luanda: UEA, 1985, p. 23.

³ Entrevista concedida em Belo Horizonte à Susanna Ramos Ventura, em agosto de 2000. Apud: Literaturas africanas de língua portuguesa: uma introdução, a partir da literatura e cultura brasileiras. <http://www.revista.criterio.nom.br/artigoventura01.htm>. Acessado em 28 de junho de 2007.

(...) os poetas caboverdeanos sempre estiveram a par dos movimentos poéticos e literários do Brasil : do Olavo Bilac, do baiano ... não é o Gregório de Matos, é o Castro Alves (...) Estivemos sempre a par. Mas nessa altura, nos anos 40, 41, do Modernismo Brasileiro não tinha conhecimento. **Só tive conhecimento do Modernismo aí a partir de 1947, pelo meu tio Baltasar que me deu os livros.** Então comecei a conhecer o Mário de Andrade, o Manuel Bandeira, o Ribeiro Couto, o Jorge de Lima, o Frederico Schmidt, depois dele o Drummond, o Ledo Ivo, o Melo Neto e também a ficção em prosa. Em 1947 comecei a conhecer os contos admiráveis do Marques Rebelo (...) Bom, o Jorge Amado em 48. O primeiro livro que li do Jorge Amado foi Terras do Sem Fim ... Aquela passagem “Eram três marias numa casa de putas pobres”. Nessa altura eu tinha ... 20 anos, foi quando conheci o Jorge Amado e o modernismo brasileiro.

(...) Foi um alubrimento porque eu lia um Jorge Amado e estava a ver Cabo Verde. De Jorge Amado, o Quincas Berro d'Água, quando eu o li pela primeira vez, a personagem, as características psicológicas da personagem, a reacção das pessoas, quando souberam da morte de Quincas Berro d'Água, eu li isso tudo e eu estava a ver a Ilha de São Vicente, Cabo Verde ... Estava a ver a Rua de Passá Sabe .⁴

Oswaldo Alcântara (Baltasar Lopes), em seu longo “Poema a Jorge Amado” (Claridade, 1986, p. 84-5), valoriza “o abraço que o seu gesto lançou/sobre as ilhas”, o “deslumbramento” que a “era de ouro” da literatura brasileira, que Jorge representa, causa aos intelectuais cabo-verdianos.

Por sua vez, o português José Osório de Oliveira, crítico literário que hipotecava já em 1936 a sua simpatia a Cabo Verde, recomendava em carta a Manuel Lopes que se dirigisse a um editor brasileiro por intermédio dos amigos José Lins do Rego ou Gilberto Freyre, enfatizando que os escritos dos claridosos teriam melhor acolhimento no Brasil do que em Portugal. Aconselha que a Claridade seja enviada também a Ribeiro Couto (naquela ocasião, diplomata nos Países Baixos, que muito se interessava por Cabo Verde), Jorge de Lima e Mário de Andrade.

O Modernismo brasileiro e a ruptura histórica que a Semana de Arte Moderna de 1922 desencadeou com relação ao paradigma estético-literário europeu constituíram o húmus que propiciou a busca da tradição regional (num primeiro momento) em consonância com os movimentos de autenticidade e de diferenciação face à cultura do colonizador. O destaque para os elementos indígena e negro — em especial — na formação da brasilidade encontrou eco nas culturas africanas de língua portuguesa para forjar a sua independência literária.

Textos lapidares como “Pasárgada”, “Estrela da manhã” e “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira, são constantemente referidos por autores cabo-verdianos, angolanos e

⁴ LABAN, MICHEL. *Encontro com escritores — Cabo Verde*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1992. V. 2, pp. 331-2. Grifos nossos.

moçambicanos a partir dos anos 1930, documentando os elos fortes entre as culturas africanas de língua portuguesa e o irmão atlântico⁵.

Também o romance regionalista nordestino de cunho social (Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado), a poesia telúrica e de comprometimento social de Jorge de Lima, a prosa poética e de invenção lingüística de Guimarães Rosa contribuíram como referências para a assunção dos “monumentos” literários africanos autóctones.

Baltasar Lopes, poeta que visitou o Brasil e dele levou a “Saudade do Rio de Janeiro” (poema, In. *Claridade* 8, 1958) e do seu Corcovado, internacionalmente eternizado pelo poeta e maestro Tom Jobim, destaca aqueles autores e textos como “essenciais pro domo nostra” ou seja, componentes fundamentais do sistema de empréstimo que fazia circular a cultura e, principalmente, a literatura brasileira pelas ilhas nos anos 1930, com a colaboração ativa de Ribeiro Couto. Fomentado por Osvaldo Alcântara e por toda uma tradição do texto cabo-verdiano, fundem-se as vozes crioulas, o violão e o cavaquinho no “nocturno brasileiro de Cabo Verde” (poema “Serenata”, *Claridade* 5, 1947).

É notório que *Claridade* tinha por ideário programático «fincar os pés na terra» como imagem lapidar da assunção do real (social, cultural e antropológico) crioulo. Neste cenário desponta Baltasar Lopes da Silva, nascido há cem anos no Caleijão, na ilha de São Nicolau, intelectual e artista multifacetado (poeta, ficcionista, lingüista, ensaísta, professor no antigo liceu Gil Eanes) que, com Manuel Lopes e Jorge Barbosa viria a revolucionar, com a fundação da citada revista, a cultura em Cabo Verde.

Homem erudito, licenciado em Direito e Filologia Românica, Nhô Baltas possuía todo o aparato necessário para se dedicar ao estudo da realidade sociocultural e lingüística do arquipélago. Além do preparo intelectual, a experiência de convívio com o povo das ilhas ficou para sempre documentada na riqueza de sua prosa identitária (*Chiquinho* apresenta os problemas das ilhas, sua pobreza, as dificuldades de sobrevivência no arquipélago, o fenómeno da emigração) e na vibração de sua poesia (como Osvaldo Alcântara), exemplos vivos da originalidade da cultura que sempre defendeu.

A literatura brasileira foi uma fonte de inspiração para sua produção literária, destacando-se o seu *Itinerário de Pasárgada*, obra poética homônima do *Itinerário de Pasárgada* de Manuel Bandeira, explicativo da gênese de sua poesia.

⁵ Como o referem Baltasar Lopes, Costa Andrade, Maurício Gomes de Almeida, Mário António, entre outros. Todos citados por Manuel Ferreira em “A emergência da inter-textualidade afro-brasileira”. In: *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989, pp. 139-186.

No poema “Vou-me-embora pra Pasárgada”, considerado por alguns como decisivo para a compreensão da lírica de Bandeira, o “vou-me-emborismo” (referido por Mário de Andrade) é mais do que fuga para um *locus amoenus*: a atitude expressa a transformação do tempo e do espaço presentes e reais em um mundo idealizado, duplo negativo dos sofrimentos do poeta brasileiro naquele determinado momento de sua vida. Em Pasárgada, em compensação contrapontística à tuberculose do poeta, o eu lírico andar de bicicleta e tomará banhos de mar. A ciência garantirá o espaço de prazer (Pasárgada tem um processo seguro de evitar a concepção), assim como o rei deste espaço, Dioniso (deus grego das festas carnais e carnavalescas e do vinho que embriaga os sentidos), ao invés de Ciro ou Dario, relacionados à Pasárgada histórica.

Farto do “lirismo comedido, bem comportado, funcionário público com livro de ponto expediente protocolo”⁶, Bandeira inaugura uma Pasárgada diferente daquele espaço religioso persa, novo mundo de libertação onde são permitidos

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis.

“Não quero saber do lirismo que não é libertação”, fecho do poema de Bandeira, é um mote retomado por vários escritores cabo-verdianos até a contemporaneidade e a evasão, muitas vezes marcada com acentuação negativa por leitores marxistas da obra de Osvaldo Alcântara, pode ser também encarada como uma forma de libertação de modelos impostos pelo colonizador.

Assim, a referência a Pasárgada nos poemas do cabo-verdiano poderá ser interpretada como busca de um espaço utópico de felicidade, mas não somente. A retomada por Osvaldo Alcântara, em um de seus poemas, do título “Itinerário de Pasárgada” (revista *Atlântico* 3, 1946), que Manuel Bandeira conferira à sua biografia (memórias) em prosa de 1954, publicada no *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, aproxima a concepção de poesia dos dois artistas. Sobre o mito, esclarece Bandeira:

Quando eu tinha os meus quinze anos e traduzia na classe de grego do [Colégio] Pedro II a Ciropédia fiquei encantado com esse nome de uma cidadezinha fundada por Ciro (...) nas montanhas do sul da Pérsia, para lá passar os verões. A minha imaginação de adolescente começou a trabalhar, e vi Pasárgada e vivi durante alguns anos em Pasárgada. Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na minha casa da rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de

⁶ Poema “Poética”, de Manuel Bandeira.

tudo o que eu não tinha feito na minha vida por motivo da doença, saltou-me de súbito do subconsciente esse grito estapafúrdio: “Vou-me embora pra Pasárgada!” (...) Abandonei a idéia. Alguns anos depois, em idênticas circunstâncias de desalento e tédio me ocorreu o mesmo desabafo de evasão da “vida besta”. Desta vez o poema saiu sem esforço como se já estivesse pronto dentro de mim. (p. 36):

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura (...)

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
E prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mais triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada ⁷

O poema “Testamento” nos fornece outra pista para as afinidades entre a escritura de Osvaldo Alcântara e a de Bandeira:

⁷ BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

O que não tenho e desejo
É que melhor me enriquece. (...)
Vi terras da minha terra.
Por outras terras andei.
**Mas o que ficou marcado
No meu olhar fatigado,
Foram terras que inventei**

Inventar a terra num momento de epifania ou, como diria Manuel Bandeira, de “alumbramento” é, para Baltasar Lopes-Osvaldo Alcântara, mesmo com vontade de partir, “fincar nela os pés”: fazer da ilha uma pasárgada que escapa ao olhar aprisionador da metrópole e à tradição europeia clássica do mito hesperitano ou arsinário; forjar uma (auto)imagem em processo de libertinagem (cf. ainda Bandeira) criativa, desentranhada a partir do chão do cotidiano “scalabróde”⁸ crioulo. Diz o poeta:

Saudade fina de Pasárgada...

Em Pasárgada eu saberia
onde é que Deus tinha depositado
o meu destino...

E na altura em que tudo morre...
(Cavalinhos de Nosso Senhor correm no céu;
a vizinha acalenta o choro do filho rezingão;
Tói Mulato foge a bordo de um vapor;
o comerciante tirou a menina de casa;
os mocinhos da minha rua cantam:
indo eu, indo eu
a caminho de Viseu...)

Na hora em que tudo morre,
esta saudade fina de Pasárgada
é um veneno gostoso dentro do meu coração⁹

Para Manuel Ferreira, “esse evasionismo (...) não pode ser, de maneira nenhuma, tido como fuga”, como propuseram Onésimo Silveira e Ovídio Martins. A questão é mais complexa e o pasargadismo, para o grande sistematizador das literaturas africanas Prof. Manuel Ferreira pode ser explicado pelo “desejo manifestado da fuga á degradada situação colonial que encerrava o horizonte à juventude pensante e interrogadora. Era um protesto. Um desdém. Não é de mais dizer: era a fuga à erosão colonial, mas não era voltar as costas à

⁸ Nhela Spencer, morna “Nhá terra scalabróde”.

⁹ ALCÂNTARA, Osvaldo. Itinerário de Pasárgada. APUD: ANDRADE, Mário Pinto de. *Antologia temática de poesia africana I: na noite grávida de punhais*. Lisboa: Sá da Costa, 1975, p. 32.

caboverdianidade”¹⁰ “Itinerário de Pasárgada”, de Osvaldo Alcântara, é um excelente poema da Recusa e da Utopia, segundo Ferreira.¹¹

Na hora em que tudo morre em meio à dureza da vida no ambiente semidesértico, quando a emigração obriga a fugir a bordo de um vapor ou a tomar o caminho de Viseu, o canto-poesia dos “companheiros” (“Balada dos companheiros para Pasárgada”), irmanados, é o “Passaporte para Pasárgada” oferecido aos “humildes” (“Dos Humildes é o reino de Pasárgada”), que ainda cultivam a esperança da Felicidade¹².

Baltasar Lopes e sua geração sabiam que ela existia: chama-se Cabo Verde. Chão de Cultura, chão de Literatura. Descoberto, amorosamente, em reciprocidade, pelos olhos do Brasil.

Por isto, alimentando o trânsito que nos une nesta líquida estrada Atlântica, devolvo a Jorge Barbosa este meu poema composto em 1993, quando pisei pela primeira vez o sagrado chão da Ilha de Santiago:

VOCÊ: CABO VERDE

(com licença de Jorge Barbosa)

Eu gosto de Você, Cabo Verde,
porque Você é parecido com a minha terra.

Eu bem sei que meu Brasil é um mundão
e que em Você cabem dez pérolas do Atlântico.
Eu já ouvi falar delas,
de café bom, sal e vulcão.

E o seu povo se parece com o meu
na raça e no sofrimento, às vezes no desalento.

E gosto de suas coladeiras e mornas,
como do nosso samba e do nosso choro.

Você, Cabo Verde,
é parecido com o meu chão;
com o Ceará das estiagens,
com o cheiro da minha terra

-beira os limites do sagrado.

¹⁰ FERREIRA, Manuel em “A emergência da inter-textualidade afro-brasileira”. In: *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989, p. 160.

¹¹ *Ibidem*, p. 161.

¹² Texto composto por títulos de poemas de Osvaldo Alcântara, aos quais acrescentamos “Evangelho segundo o rei de Pasárgada”.

Eu queria ver de perto as coisas
espantosas que todos me contam
de Você: de sentir morabeza, de
comer cachupa e cantar uma morna...

Havia então de botar uma fala
ao poeta Jorge Barbosa
de fazer uma consulta ao Dr. João
para ver como é que a poesia receitava
este meu coração carioca tão maltratado.

E agora que estou aqui, tudo isto
é possível. _Você sabe?
É possível!

Simone C. Gomes

Referências:

- AAVV. *Claridade*: revista de arte e letras. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1986.
- ALCÂNTARA, Osvaldo. Itinerário de Pasárgada. APUD: ANDRADE, Mário Pinto de. *Antologia temática de poesia africana I: na noite grávida de punhais*. Lisboa: Sá da Costa, 1975, p. 32.
- ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. 8. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- CHAVES, Rita. *O Brasil na cena literária dos países africanos de língua portuguesa*. <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/chaves.rtf>. Acessado em 28 de junho de 2007.
- CHAVES, Rita. A literatura brasileira no imaginário nacionalista africano: invenção e utopias. In: CHAVES, Rita, TINDÓ, Carmen / MACÊDO, Tânia. *Brasil/África: como se o mar fosse mentira*. Maputo: Imprensa Universitária, 2003, pp. 440-441.
- ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. 2. ed. Luanda: UEA, 1979.
- FERREIRA, Manuel em “A emergência da inter-textualidade afro-brasileira”. In: *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989, pp. 139-186.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Presença da literatura brasileira na África de língua portuguesa. In: LEÃO, Ângela Vaz (org). *Contatos e ressonâncias*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003, pp. 73-100.

- HAMILTON, Russel. A influência e a percepção do Brasil nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: LEÃO, Ângela Vaz (org). *Contatos e ressonâncias*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003, pp. 137-154.
- LABAN, MICHEL. *Encontro com escritores – Cabo Verde*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1992. 2 v.
- LARA FILHO, ERNESTO. *Crônicas da roda gigante*. Lisboa: Afrontamento, 1990.
- MOURA, Murilo Marcondes de. *Manuel Bandeira*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- TRIGO, Salvato. A emergência das literaturas africanas de expressão portuguesa e a literatura brasileira. In: *Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira*. Lisboa: Vega, s.d., pp. 35-52.
- NOGUEIRA, Gláucia Nogueira. *Notícias que fazem a história: a música de Cabo Verde pela imprensa ao longo do século XX*. Praia: Tipografia Santos e Autora, 2007.
- PADILHA, Laura. *Bandeira e a poesia africana de língua portuguesa: trajetória de um encontro*. In: SILVA, Maximiano de Carvalho (org). *Homenagem a Manuel Bandeira, 1986-1988*. Niterói - Rio de Janeiro: Sociedade Souza da Silveira-Monteiro Aranha/Edições Presença, 1989, pp. 383-393.
- RIBEIRO, Maria Aparecida. O jardim das Hespérides e o reino de Pasárgada: a recepção do neo-romantismo português e do Modernismo brasileiro na literatura de Cabo Verde. *Separata da miscelânea de estudos em honra do Prof. A. Costa Ramalho*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1992, pp. 701-734.
- VENTURA, Susanna Ramos. Literaturas africanas de língua portuguesa: uma introdução, a partir da literatura e cultura brasileiras.
- <http://www.revista.criterio.nom.br/artigoventura01.htm>. Acessado em 28 de junho de 2007.